

Adolescentes e suas más companhias: lunáticos, criminosos, e pervertidos sexuais [sobre a obra *Adolescence* de Stanley Hall]

Mirian Jorge Warde*

Claudia Panizzolo**

Resumo

Nas duas últimas décadas do século XIX verificam-se nos Estados Unidos atenções se concentrando sobre a criança, tanto nos estudos sobre a infância – que desembocaram na institucionalização de um novo campo de investigação, o “*child study*” – quanto nas práticas de socialização – que incluíram o chamado “*kindergarten movement*”. Na virada do século XX, começam a ser publicados trabalhos sobre o adolescente e a adolescência, seminais quer em relação ao tema quer em relação às disciplinas que emergiam ou caminhavam para a consolidação no campo acadêmico, tais como: Sociologia e Antropologia, no primeiro caso, e Psicologia, no segundo. Esse fenômeno é especialmente visível nos Estados Unidos, onde são flagrantes as associações entre adolescência e criminalidade, assim como o são as referências à obra de G. Stanley Hall, *Adolescence: its psychology and its relations to physiology, anthropology, sociology, sex, crime, religion and education*, publicada pela primeira vez em 1904, considerada matriz das futuras pesquisas no âmbito dos estudos sociais e psicológicos. Ainda que tenham contribuído para borrar o mito da criança imaculada, os experimentos com crianças de Hall não chegaram a perfilá-las com os endiabrados; no entanto, o adolescente de Hall veio a lume acompanhado dos “primitivos” e “selvagens”, assim como dos criminosos, loucos, e sexualmente desajustados, ou seja, a adolescência como conceito psicossocial nasceu referida aos grupos mais baixos na escala evolutiva. Hall explica toda a adolescência com base na teoria da recapitulação, tanto o seu desenvolvimento fisiológico como o seu crescimento intelectual e social.

Palavras-chave: Adolescência. Adolescente. G. Stanley Hall.

* Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). Professora credenciada do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), campus de Guarulhos, e do Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), campus Araraquara.

** Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). Professora do curso de Pedagogia e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), campus Guarulhos.

Introdução

Este texto focaliza um trabalho de importância decisiva na formalização e na trajetória do conceito de adolescência¹. A obra *Adolescence: its psychology and its relations to physiology, anthropology, sociology, sex, crime, religion and education*, de G. Stanley Hall, publicada pela primeira vez em 1904, é seminal em relação aos estudos sobre adolescência e adolescentes, não só no âmbito dos estudos psicológicos como também no campo das ciências sociais. Convergem para essa avaliação, norte-americanos e europeus (BAKAN, 1971; ARNETT; CRAVENS, 2006). Como haviam constatado Demos e Demos (1969, p. 632, tradução nossa):

A adolescência, como sabemos, era pouco reconhecida antes do final do século passado. Uma análise de diversos materiais escritos do período 1800-1875 revela (1) quase não uso da palavra e (2) apenas um grau limitado de preocupação com a fase (e seus comportamentos característicos). Em torno de 1900, porém, G. Stanley Hall e seus alunos fizeram a adolescência o foco de uma nova corrente de estudo psicológico. Sua obra provocou uma ampla resposta popular, embora nos anos seguintes foi desacreditado nos círculos acadêmicos. A “descoberta” da adolescência pode estar relacionada a algumas grandes mudanças na vida americana, sobretudo, às mudanças na estrutura da família, como parte da nova ordem urbana e industrial.

Estudos como o de Demos e Demos (1969, p. 632, tradução nossa) informam que até as duas últimas décadas do século XIX, não circulava o conceito de adolescência tal como passou a ser utilizado no século XX; assim, poder-se-ia dizer que o conceito de adolescência é uma invenção daquele período, “embora tenha incorporado, de uma forma bastante central, certas atitudes e velhos modos de pensar”.

Adolescence – em dois volumes, originalmente, com pouco mais de 1.300 páginas e mais de dois mil autores citados – é tida também como a obra máxima de Stanley Hall (1904); a ela, informa o próprio autor, foram dedicados 10 anos de preparação, incluindo consulta a fontes e apontamentos de leitura².

De pronto, a obra provocou ampla resposta popular, vendendo a espantosa soma, para a época, de 25.000 cópias, somente nos Estados Unidos. Ao longo do tempo, realizou uma trajetória típica das “grandes obras”, das que misteriosamente ganham o qualificativo de “clássicas”, com poucos leitores e muitos críticos (ARNETT; CRAVENS, 2006).

Edward L. Thorndike foi dos poucos pares de Hall que lhe destinou atenção acadêmica regular e se dispôs a lê-lo atentamente. O conexionismo de E. Thorndike³, por um lado, muito o distanciava do evolucionismo de Hall – a um só tempo lamarckista e darwinista⁴ –, por outro lado, apesar de trinta anos mais moço, compartilhava com Hall uma série de temas de interesse, tais como: infância, adolescência, reforma educacional, dentre outros. É de Thorndike (1904) uma das primeiras e mais citadas resenhas de *Adolescence*, datada de julho de 1904, portanto, mesmo ano da publicação da obra.

A avaliação de Thorndike (1904, p. 143, tradução nossa) é dura, mas não destrutiva. Menciona o fato de Hall ter aplicado questionário entre crianças e estudantes do ensino normal “sem ter sequer se dignado a justificar a escolha de um método universalmente criticado pelos seus pares”. Tão curioso quanto “acreditar” nas respostas dos sujeitos, como diz o autor, é o fato de Hall mencionar, mas não analisar tanto as perguntas quanto as respostas. Ele refere-se ao estilo adotado por Hall como “uma junção desconcertante no mesmo parágrafo, ou na mesma sentença, de declarações que para a mente comum não têm nenhuma conexão lógica” (THORNDIKE, 1904, p. 144, tradução nossa). Ainda assim, destaca o tratamento envolvente e multifacetado do tema, referindo-se com ênfase ao tratamento original e franco com que Hall aborda a sexualidade na adolescência.

Em 1925, na memória biográfica que foi chamado a apresentar na *National Academy of Sciences*, em homenagem a Stanley Hall, falecido no ano anterior, Thorndike (1925) reúne uma série de depoimentos de acadêmicos a respeito do impacto da produção de Hall. Em relação ao *Adolescence* cita esse impressionante depoimento:

Eu era um estudante quando a “Adolescence” apareceu. Eu li muitos capítulos, e durante todo o tempo crescia a minha impressão que o autor era muito fértil e original, mas excessivamente verborrágico e sem discriminação crítica ou um bom julgamento em relação ao que deveria ser incluído ou omitido em seu compêndio... Pareceu-me estar na zona de crepúsculo intelectual entre a genialidade e a insanidade, e os seus alunos com os quais tive contato no início da minha experiência psicológica pareciam ser, na sua maioria, perturbados. Experiências posteriores me ensinaram quão profunda era sua influência em algumas mentes brilhantes; mas é inútil negar que seu seminário foi particularmente atraente àquelas aberrações que tentavam de tudo para ridicularizar nossa ciência aos olhos dos sensatos... Claro, quando eu encontrei Hall pessoalmente e ouvi sua palestra eu

imediatamente associei com o brilhantismo com o qual ele se elevava acima do nível dos psicólogos americanos. Ele certamente pertence ao grupo dos cinco principais psicólogos do nosso tempo, talvez devesse ser classificado como o segundo... (THORNDIKE, 1925, p. 146-147, tradução nossa).

É quase certo que uma resenha como a de Thorndike (1904) não tenha contribuído, de imediato, para a divulgação do *Adolescence*. Segundo Ross (1972), o mais citado dos biógrafos recentes de Stanley Hall, o primeiro a promover amplamente o livro de Hall foi Patrick Geddes, um biólogo escocês e reformador urbano para quem as falhas da obra logo desapareceriam deixando o trabalho profundo e original à vista. Geddes e Hall se aproximavam na intenção de construir valores orgânicos numa crescentemente especializada e mecânica civilização científica, industrial e urbana.

Ainda segundo Ross (1972), os autores que resenharam a obra à época do seu lançamento, dividiram-se entre os que aprovaram a resposta firme de Hall à degeneração provocada pela vida moderna e a sua perspectiva da adolescência centrada na sublimação e na conversão religiosa, e aqueles que aprovaram o empático e vívido retrato do adolescente pintado por Hall (1904) e entenderam a centralidade por ele conferida ao desenvolvimento sexual e natural.

Por essa mesma razão, curiosamente, professores das escolas normais e primárias proibiram a obra em muitas escolas do país, pois não concebiam a possibilidade daquele tratado libertino conspurcar o santuário escolar.

Nascido de conflitos, contradições e ambivalências emocionais e intelectuais de Hall (BURNHAM, 1925; ROSS, 1972), em um momento em que os Estados Unidos passavam por transformações sociais agudas, a obra *Adolescence: its psychology and its relations to physiology, anthropology, sociology, sex, crime, religion and education* é um misto vertiginoso de perspectivas que conecta o mais retrógrado dos credos religiosos ao mais avançado ponto de vista da Psicologia genética que ali estava sendo estabelecido. Sendo assim, só poderia provocar reações equivalentes (GRINDER, 1969).

Essas características internas e externas da obra mais do que justificam colocá-la no centro desta visão histórica: poucas obras resistem tão ferrenhamente aos enquadramentos únicos e aos esquematismos conceituais.

Os deslocamentos de Halls até a Psicologia da Adolescência e um pouco mais

Granville Stanley Hall (1844-1924) fez seus estudos superiores sustentado com sacrifícios pelos pais esperançosos que se tornasse ministro religioso. Apesar de não pretender realizar a trajetória esperada pela família, Hall obteve sustento dos pais até terminar o *college* em função dos seus excelentes resultados.

O que se passou é que os interesses de Hall se deslocaram da Teologia para a Filosofia – na qual obteve seus primeiros postos acadêmicos – e logo para a Psicologia. Em meados dos anos de 1870, com 30 e poucos anos, foi atraído pelas obras de filósofos das Ciências Naturais que – como Herbert Spencer e George H. Lewes – “estavam aplicando as ideias de evolução de Darwin a assuntos sociais e psicológicos” (HALL, 1876, p. 180, tradução nossa).

Deslocando, logo depois, seus interesses da Teologia para a Psicologia, frequentemente com intermediação da Filosofia, Hall participou de uma tendência que seria reforçada até fins do século XIX, com a perda da centralidade da Teologia e a afirmação da Psicologia como disciplina autônoma. Entre os pioneiros da Nova Psicologia, como os historiadores norte-americanos usam denominar a disciplina que, a partir dos anos de 1870, caminhou para a diferenciação da Teologia e da Filosofia, tomando feições mais experimentais, consta grande número de ex-estudantes de Teologia, filhos de ministros ou criados em ambientes familiares fortemente religiosos, exemplos destacados são: John Dewey (1859-1952), James M. Cattell (1860-1944), George H. Mead (1863-1931), Robert S. Woodworth (1869-1962) e Edward Lee Thorndike (1874-1949) (BRINGMANN; BRINGMANN; EARLY, 1992).

O que parece ter sido bastante peculiar a Hall (1904) é o fato de ter mantido especial interesse em temas religiosos, sobremaneira bíblicos, pretendendo submetê-los ao tratamento da “psicologia científica”. *Adolescence* (HALL, 1904) é um livro recheado dessas referências, que culminam no capítulo XIV do segundo volume com o tema “psicologia da conversão”, envolvendo tópicos tais como: a conversão na teocracia da Nova Inglaterra; estatísticas e opiniões dos evangelistas em relação à idade das mais frequentes conversões; doze paralelos entre fenômenos religiosos e sexuais; a conversão como um processo normal e universal do crescimento; pecado etc..

A Psicologia estava começando a ganhar identidade como um campo específico de estudo com raízes na Filosofia, Fisiologia e Biologia, e Hall decidiu que esse novo campo era onde estava seu efetivo interesse. Com 32 anos, ele deixou o posto de professor de Filosofia de um pequeno *college* no meio oeste para obter formação pós-graduada em Psicologia com William James, em Harvard. Dois anos depois, em 1878, tornou-se a primeira pessoa a receber título de doutor (PhD) em Psicologia nos EUA.

Como havia ainda muito poucos postos abertos em Psicologia, Hall viajou para a Europa por dois anos (1878-1880) em busca de formação mais avançada; lá estudou, dentre outros, com Wilhelm Wundt no seu famigerado laboratório de psicologia experimental, em Leipzig⁵. Ao retornar, não conseguiu encontrar uma cadeira vaga em Psicologia; realizou preleções em Harvard na área de Pedagogia (1880-1881), sobre o que havia feito um “estudo superficial”, segundo suas próprias palavras quando estava na Europa (HALL, 1923, p. 216. Tradução MJW). Ainda assim, suas preleções fizeram enorme sucesso. Pouco depois, Hall, inadvertidamente, se viu na liderança do “*child study movement*” que conduziu a Pedagogia ao estudo científico do desenvolvimento da criança e precursora da Psicologia Educacional e da Psicologia do Desenvolvimento. Daí nasceu seu interesse pela adolescência⁶.

Contudo, à época a Pedagogia era um interesse secundário para Hall, uma vez que visava mesmo a Psicologia Experimental, que seguramente lhe conferiria prestígio acadêmico mais elevado. Os métodos experimentais pareciam a Hall, como para outros pioneiros da área, a promessa de solução de antigas questões de epistemologia e da natureza fundamental do conhecimento humano ao reduzi-las aos seus menores elementos da sensação, reflexo e atividade motora.

Em 1884, com 40 anos, Hall conseguiu um posto na Johns Hopkins University – a primeira cadeira da nova Psicologia nos EUA. Lá ele supervisionou pesquisa experimental sobre hipnose, sensações epidérmicas, movimentos dos braços, e respostas sonoras. Estiveram entre seus estudantes John Dewey (1859-1952), James McKeen Cattell (1860-1944), James Mark Baldwin (1861-1934), Henry Herbert Goddard (1866-1957), Lewis Madison Terman (1877-1956) e Arnold Gesell (1880-1961), que obtiveram lugar de destaque na Psicologia não só norte-americana.

Enquanto esteve na Johns Hopkins, Hall deu início ao primeiro periódico de Psicologia nos EUA: o *American Journal of Psychology*. Depois de quatro anos na Johns Hopkins, Hall deixou-a para tornar-se o primeiro presidente da *Clark University*, dedicada exclusivamente aos estudos pós-graduados. Lá, pode promover significativamente a Psicologia a ponto de convertê-la, por muitos anos, a maior produtora de PhDs em Psicologia. Permaneceu no posto até 1920, quando se aposentou.

Em 1892, protagonizou outra importante iniciativa no campo da Psicologia participando da fundação da *American Psychological Association*, à qual serviu como primeiro presidente⁷. Apesar do feito, os anos noventa não lhe foram muito felizes tanto do ponto de vista familiar quanto acadêmico⁸.

Com suas ambições de liderança na Psicologia diminuindo, Hall retornou ao *child study* em meados dos anos noventa. Essa virada combinou com as mudanças em

seus interesses intelectuais. Naquele momento, Hall estava se desiludindo dos métodos experimentais como caminho efetivo para o entendimento do desenvolvimento humano para mergulhar em uma nova perspectiva que inscreveria os fenômenos psicológicos na evolução. Ele se abriu inteiramente para a tese de que “a ontogênese recapitula a filogênese”, isto é, o desenvolvimento biológico de cada indivíduo repete o desenvolvimento evolutivo da espécie humana. Hall incorporou essa ideia à Psicologia: o desenvolvimento psicológico de cada pessoa repete a história evolucionária da humanidade⁹.

Essa visão, de extração haeckeliana, tornou-se o núcleo da visão de Psicologia de Hall, que a introduziu em todos os seus escritos do *child study* dos anos noventa em diante e se tornou a base de suas perspectivas em *Adolescence*.

G. Stanley Hall liderou o movimento em prol do *child study* como nova disciplina científica que estabeleceria o nexó indissociável entre estudos da criança e a educação a ela destinada. Contudo, converteu o projeto de extrair o fundamento da educação das pesquisas científicas sobre a criança em mais uma plataforma a partir da qual mais perdia do que ganhava seguidores. Tanto é assim, que no começo dos anos de 1900 Hall perdeu lugar no *child study movement* em favor de outros acadêmicos como John Dewey, por exemplo, assim como antes havia perdido terreno no âmbito mesmo da Psicologia, mas o próprio movimento entraria em declínio pouco depois¹⁰.

Em relação à Psicologia, enfrentou problemas no terreno experimental, no que se refere ao *child study*, perdeu terreno especialmente entre educadores, ou seja, seus primeiros e mais importantes interlocutores. Hall defendeu posições que confrontaram as tendências progressistas em curso nos Estados Unidos, por exemplo, defendeu a manutenção dos castigos corporais, se opôs à coeducação na *high school*. Não bastasse a baixa atenção às circunstâncias e as enormes dificuldades de discriminar os efetivos aliados dos adversários, atacava sistematicamente os professores pelo baixo nível intelectual e o aumento da presença feminina na magistério elementar¹¹.

O sucesso de *Adolescence* deu sobrevida a Hall no campo acadêmico em geral e na Psicologia em particular. Aproveitou a sua boa fase para estabelecer novos contatos no âmbito internacional, dentre os mais notáveis, a visita em 1909 de Freud, Jung e outros psicologistas, e a série de conferências por eles proferidas na Clark University. Com isso, Hall tomou importante lugar na difusão internacional da Psicanálise e, de maneira decisiva, na introdução dos estudos e procedimentos psicanalíticos nos Estados Unidos.

A adolescência como um período de “storm and stress”

Adolescence: its psychology and Its relations to Physiology, Anthropology, Sociology, Sex, Crime, Religion and Education (HALL, 1904) foi escrito sob o signo da “tempestade e tensão”, do adolescente e suas circunstâncias. A turbulenta vida de Hall está, de muitas maneiras, registrada nas suas páginas. De alguma maneira, o autor enfrentou a crise do envelhecimento retomando a crise da juventude e misturando muitos dos seus traços (ROSS, 1972).

A nova sociedade norte-americana também está lá: desenfreadamente urbana e industrial, nascida das constantes ondas imigratórias e migratórias, da violenta substituição dos antigos agrupamentos e famílias rurais pelos bairros e gangs arredios e estrangeiros. Estão lá também as novas formas de práticas e instituições nascidas tanto da luta quanto da acomodação entre a ciência e a religião (CRAVENS, 2006; YOUNISS, 2006).

Em meio a tudo isso, como expressão e produto daquelas circunstâncias, Hall cunha o conceito moderno de adolescência¹². Muitos autores reportam a obra de Hall aos românticos, dentre os quais destacam Rousseau, com *Emílio*, em que já estariam dadas as explosões de “*storm and stress*” que estarão no centro das descrições de Hall.

Porém, a referência aos românticos é apenas uma das alusões aos muitos elementos que Hall havia colhido do século XIX, de sorte que o seu moderno adolescente seria algo como um amálgama ou síntese pós-darwiniana, mais ou menos bem decantada, de imagens precursoras já em circulação nas famílias e escolas norte-americanas (DEMOS; DEMOS, 1969; ROSS, 1972)¹³. Para Bakan (1971, p. 979, tradução nossa) ainda que “o *Emílio* tenha exercido influência considerável desde sua publicação, a conversão da ideia da adolescência em uma realidade social comumente aceita é, grandemente, associada à vida urbana industrial moderna”. O autor ainda completa, citando Demos e Demos (1969), com os quais afirma significativa convergência: “Rousseau pode ter inventado a adolescência, como sustenta Musgrove¹⁴, mas a noção, como é comumente compreendida no pensamento contemporâneo, não prevaleceu antes das duas últimas décadas do século XIX e foi ‘uma descoberta integralmente americana’” (BAKAN, 1971, p. 979, tradução nossa).

Essa tese de Bakan (1971) de que a adolescência seria uma descoberta plenamente norte-americana – ou seja, a tese de que o constructo de Stanley Hall de “adolescência” teria vingado por ser uma representação ou construção social – se articula ao entendimento de que:

[...] a invenção ou descoberta da adolescência nos Estados Unidos foi em grande parte em resposta às mudanças sociais

que acompanharam o desenvolvimento da América na segunda metade do século XIX e começo do século XX, e que a razão principal era prolongar os anos de infância. A adolescência foi adicionada à infância como uma segunda infância, a fim de cumprir os objetivos da nova sociedade urbano-industrial que se desenvolveu tão rapidamente após a Guerra Civil. (BAKAN, 1971, p. 980, tradução nossa).

Adolescence (HALL, 1904) não resultou, certamente, da mera aplicação de novos instrumentos mentais a antigos materiais. Não teria causado tantas e tamanhas reações favoráveis e contrárias, assim como não teria ferido tão profundamente a sensibilidade dos pudicos com suas longas considerações sobre a sexualidade adolescente, a masturbação ou a função catártica do intercurso sexual adulto.

Ao colocar a evolução a serviço das transformações em suas várias dimensões físicas e psíquicas, Hall (1904) removeu dos ombros jovens a “culpa” da espécie para logo depositá-la sobre os senis. Aos jovens, ou melhor, aos adolescentes, o autor acenou com o futuro, uma vez que o associou à evolução e ao progresso que ele acreditava, como muitos dos seus contemporâneos, dela ser decorrente. “A superioridade moral que o futuro detém em todas as teorias do progresso, então, foram associadas ao adolescente, justificando a livre expressão da natureza adolescente e sua prolongação” (ROSS, 1972, p. 334, tradução nossa).

O adolescente de Stanley Hall é o primitivo que carrega todas as forças da natureza que podem explodir produzindo o caos, ou pode desenvolvê-las trazendo a maturidade e a civilização. Na sua base está a erupção de um processo acelerado de crescimento do corpo, da mente e dos sentimentos, e uma nova carga de energia que se introduz por volta da época da puberdade: “As comportas da hereditariedade parecem se abrir e nós ouvimos de nossos mais remotos antepassados [...]. Paixões e desejos brotam [...]” (HALL, 1904, p. 308, tradução nossa).

Hall (1908, p. xiii, tradução nossa) refere-se ao processo de passagem à adolescência como “novo nascimento” que dispersa as antigas harmonias da personalidade infantil e, conseqüentemente, inicia um período de “*storm and stress*”. As novas energias e impulsos nascidos na adolescência parecem ao autor “ancestrais”. Embora o ambiente possa aumentar ou silenciar essa reviravolta, a sua causa essencial é a revolta dos impulsos biológicos herdados (ROSS, 1972).

O certo é que para Hall (1904) a adolescência é basicamente ambivalência: é ao mesmo tempo o desejo de ampla liberdade de autoexpressão e o desenvolvimento das potencialidades; é também o desejo de controle e direção que aponte para formas de conduta respeitáveis e éticas. Essa ambivalência atravessa os processos da adolescência e

estão presentes na culminância da adolescência (HALL, 1904). E o que está presente no indivíduo está presente na raça. O mais alto e mais amplo desenvolvimento alcançado na adolescência seria progressivamente herdado até um produto evolucionário superior, o super-homem do futuro: “A adolescência e não a maturidade como agora definida é o único ponto de partida para o super-antropóide que o homem está para se tornar” (HALL, 1904, p. 94, tradução nossa). Somente o super-homem alcançaria finalmente um ideal unitário, depois da infância e da adolescência, a senescência (HALL, 1922).

Para pensá-lo e para projetar a sua educação, Hall (1904) dispõe de três eixos que articulam as contradições, ambivalências e conflitos que caracterizam essa fase. O primeiro *eixo da sexualidade*, que aproximaria Hall da Psicanálise, confere ao *Adolescence* uma feição bastante nova em comparação ao tratamento usualmente conferido ao tema.

Como já se destacou acima, Hall (1904) repetiu tantas posturas do século XIX a respeito do sexo e da sexualidade, mas falou de uma maneira espantosamente aberta sobre assuntos tais como masturbação que perturbava o sono não só dos jovens do século XIX, como dos seus pais, educadores e, especialmente, dos seus mentores espirituais. O autor propôs a eles que falassem abertamente sobre o assunto com os adolescentes, pois não se tratava de pecado ou vício. Em contrapartida, sugeria – em defesa da castidade – que se combatesse “a prática solitária” com muito trabalho e banho frio. Mas, há de se reiterar que os argumentos de Hall em favor da continência sexual não se pautavam em qualquer suposição de perigo, mas na defesa do jovem e da civilização, ou seja, na linguagem psicanalítica, ele defendia a sublimação (inibição) como via de defesa emocional do sujeito e de controle social dos apetites.

Nessa direção, Hall defendia a educação do adolescente entre “liberdade e proteção”, “liberdade e resguardo”, de modo que a natureza pudesse cumprir o seu curso:

Hall queria extrair as potencialidades tanto quanto estabelecer a sublimação, o controle e a proibição para que a ordem fosse progressivamente estabelecida.

Hall confiava no principal instrumento da ordem que eram as faculdades de autocritica que se desenvolvem durante a adolescência para eliminar “contradições e inconsistências”. Hall descreve o processo de controle em termos de “inibição” e “irradiação”, processos algo semelhantes aos freudianos “inibição” e “sublimação”. Todas as emoções adolescentes são, de algum modo, plásticas, mas as energias sexuais em particular poderiam ser irradiadas a outros e superiores empreendimentos. (ROSS, 1972, p. 328, tradução nossa).

O *segundo eixo* é o da *religiosidade*, no qual Hall (1904) articula-se inteiramente à sexualidade, e encarece a importância dos empreendimentos religiosos superiores para sublimação sexual. Entretanto, não se pode obscurecer que os temas relacionados à religião e à conversão religiosa tenham preocupado o autor ao longo da vida, ainda que tenha intensificado a produção acadêmica a partir de 1900¹⁵.

Hall (1904, p. 305, tradução nossa) reuniu uma massa enorme de informações sobre diferentes tipos de práticas religiosas em tempos e lugares muito distantes, prestando especial atenção ao momento da conversão, de sorte a ter fundamento para afirmar que a adolescência é a “época natural para a conversão” religiosa. Sendo natural, não necessitaria e nem deveria contar com uma educação doutrinária prévia – ou seja, pré-adolescente – pautada em um credo religioso em particular (HALL, 1904).

O alvo inicial da pesquisa seria a formação moral, desde a infância, porém a formação religiosa teria um papel sobressalente na adolescência: dar base para a moralidade adolescente na crença, de sorte que a estabilidade das convicções religiosas pudesse apoiá-lo na estabilização do seu caráter. A adolescência seria o momento da vida para o aprendizado da catarse, da superação, da contensão.

Como o fez em relação a outras peças que compõem o seu mural da adolescência, Hall reafirma valores e práticas religiosas enraizadas na cultura norte-americana do século XIX e que estavam sendo atingidas pelas transformações que sucederam a Guerra Civil (1861-1865). Assim, ratifica a adolescência como um período suscetível de conversão religiosa. O que o autor fez com essa máxima da cultura foi lhe dar uma base biológica e uma interpretação psicológica, ou seja, os impulsos religiosos se manifestam na adolescência por força da evolução e se manifestam como propensão emocional.

Para Ross (1972), apesar de Hall (1904) ter preservado padrões tradicionais para falar da experiência religiosa na adolescência, o que ele realmente descreveu em *Adolescence* foi a crise da crença do intelectual dos fins do século XIX, cujo compromisso religioso estava sendo minado pela ciência moderna, com isso Hall teria falado da sua própria experiência de lutar contra os atrativos teóricos e se render à natureza abençoada. Embora o autor frequentemente afirmasse que adolescentes precisavam de uma filiação religiosa sectária, ele descreve o resultado dessa experiência de conversão em termos estritamente não sectários. Assim procedendo, expressa o sentido panteísta que deu à sua religiosidade, que teria sido, como diz Ross (1972), a religião da humanidade de Comte. Ou seja, a religião teria sido o campo no qual Hall realizara a sua primeira emancipação e essa experiência religiosa teria a ver com um mundo estritamente natural.

Sendo assim, faz sentido introduzir o *terceiro eixo* de Hall, relativo à sua defesa da *educação natural*, pautada na evolução e no sentido que ela progressivamente confere ao

crescimento humano. Não se trata propriamente de introduzir esse tópico uma vez que tem sido abordado nos parágrafos anteriores, trata-se de ressaltar alguns aspectos importantes da argumentação do autor: primeiro seria a valorização conferida ao jogo. O estímulo de Hall aos seus estudantes em relação a esse assunto, seja na primeira infância, seja na adolescência, resultou que seus discípulos estiveram à testa do movimento de criação e difusão do “*playground*” nos Estados Unidos.

O segundo aspecto seria a valorização do jogo como estímulo fundamental em favor da tendência natural da criança de se socializar, particularmente de formar “panelinhas, grupos, gangs, clubes e organizações” (HALL, 1904, p. 396, tradução nossa). Todas eram formas naturais do instinto social da criança. Tal como no jogo, Hall pensava esse impulso de grupo como uma herança dos primeiros tempos e tipos menos civilizados de laços sociais, e ansiava manter vigorosa e verdadeira a sua expressão para os propósitos das crianças e jovens. O autor defendia as gangs de rua e dos cortiços como salutaras, se desviadas de suas atividades criminosas, para o qual propunha mais atividades lúdicas e menos programas religiosos sectários (HALL, 1904). Por isso, *Adolescence* teria sido:

[...] uma resposta social ao sentimento de que os grupos de jovens representavam uma perturbação à ordem. O livro ajudou pais a pensarem melhor sobre aquele momento e a buscar mais ajuda para enfrentar a turbulência do momento. Por outro lado, o livro expressa as próprias experiências pessoais tumultuadas de Hall. Suas dificuldades em relação a muitos aspectos, especialmente a sexualidade, a carreira e a religiosidade. Algo parecido com o que teria acontecido com James: storm e stress; ambivalência, sublimação, prolongado esforço de encontrar sua vocação, impulsos divergentes. (ROSS, 1972, p. 337, tradução nossa).

Como terceiro aspecto, o reforço ao desenvolvimento “natural” do sentimento religioso. Com isso, a educação doutrinária deveria ser adiada em favor do apelo aos instintos e emoções “naturais” da criança, tais como o animismo e o panteísmo infantis, e a superstição adolescente. O quarto aspecto seria a valorização das formas adolescentes de participação social por meio dos seus agrupamentos que só caminham para a transgressão quando se tornam produtos de impulsos naturais mal administrados pela sociedade em geral.

Em nome da “educação natural”, e contraditando as tendências do progressismo educacional em curso, Hall defendeu o uso do castigo, da punição, a escolarização separada dos dois sexos na adolescência. Como suporte da sua “pedagogia

natural”, o autor mobilizava os argumentos da seleção natural que implicava em luta e resultava na sobrevivência dos mais capazes.

Considerações finais

Em comemoração aos 100 anos de publicação do *Adolescence* (HALL, 1904), a revista *History of Psychology*, mantida pela *American Psychological Association*, dedicou-lhe o número 3, de 2006, reunindo, além da introdução, seis artigos nos quais se mesclam as perspectivas da Psicologia e da História. Grandes nomes da Psicologia e da História da Psicologia foram chamados a pensar a obra de Hall tanto no contexto da sua produção como no momento atual. Além dos usos que aqui se fez desses textos, pode-se extrair uma vasta bibliografia complementar, preponderantemente produzida no campo da Psicologia, e um número considerável de pistas para se pensar a obra de Stanley Hall de 1904, bem como a trajetória que o conceito de adolescência tomou a partir dela.

Essas incursões no campo da Psicologia reforçam a tese de que é indispensável ao estudioso da infância e da adolescência, esteja no campo da História ou da Sociologia, conhecer as ferramentas com as quais os psicólogos cunham seus conceitos e constroem seus objetos. As críticas dirigidas ao *Adolescence: its Psychology and its Relations to Physiology, Anthropology, Sociology, Sex, Crime, Religion and Education* são muitas, atuais e antigas, salvo engano, nenhuma reclama do fato de Hall (1904) ter excursionado por tantos e tamanhos campos para além da sua Psicologia em construção, exatamente porque ele sabia – como muitos dos seus contemporâneos – os especialismos não somariam em favor dos diferentes campos de conhecimento.

Nada disso substitui a necessidade de se retomar obras seminais como essa de Stanley Hall ainda que, como diz sua biógrafa Ross (1972), os gigantescos volumes de *Adolescence* contêm uma grande massa de dados “semi-digestivos”. Mesmo que as ideias que reúne estejam atreladas a “especulações biológicas” apenas plausíveis, “na melhor das hipóteses”, e constantemente embelezadas com referências líricas a verdades da doutrina cristã (ROSS, 1972).

Ainda diz Ross (1972, p. 325-326, tradução nossa), que largas partes do livro são preenchidas com comentários “untuosos” sobre sexualidade¹⁶, e se isso não fosse suficiente, “Hall frequentemente lançava mão de neologismos que ele raramente definia, para expressar a peculiaridade de sua mente. Interligado a essa massa de dados e de retórica, no entanto, é um vívido retrato do estágio adolescente da vida”.

Notas

- ¹ Este texto é parte do projeto de pesquisa “Moldando a infância: sujeitos e instituições [entre o século XIX e o século XXI]”, em desenvolvimento com apoio do CNPq.
- ² Além da obra em dois volumes, de Stanley Hall foram encontrados nove títulos contendo referência explícita à adolescência ou ao adolescente: seis anteriores e três posteriores ao livro.
- ³ “O conexionismo, como concebido por Thorndike, pode ser definido em termos simples: em todas as espécies de animais, incluindo o homem, encontram-se certas conexões neurobiológicas de natureza tal que a aplicação de um dado estímulo tende a suscitar um tipo particular de resposta (nexo S-R). Algumas dessas conexões já foram estabelecidas no animal normal no momento do nascimento; outras, que ele é potencialmente capaz de formar, são adquiridas como resultado de experiências posteriores ao nascimento. Tudo isso soa muito parecido com o behaviorismo de Watson, que viria depois que o sistema de Thorndike estava bem estabelecido e que, de certa maneira, abriu o caminho. Thorndike, no entanto, discordava de Watson em uma série de questões importantes, em especial sobre aquelas que têm a ver com a origem das diferenças entre os indivíduos e com os fatores subjacentes à criação de respostas condicionadas (ligação S-R na terminologia de Thorndike) [...]. O conexionismo de Thorndike demanda: (a) diferenças entre os indivíduos na sua aptidão para formar tipos particulares de ligação S-R; (b) diferenças de condições externas mais favoráveis para a formação e a manutenção de tais ligações; e (c) uma tendência para conexões se disseminarem ou espalharem para experiências que são adjacentes a elas no tempo ou espaço. Todos estes princípios estavam sujeitos a verificação experimental” (GOODENOUGH, 1950, p. 292-293, tradução nossa).
- ⁴ A respeito do evolucionismo nos Estados Unidos, ver: Pfeifer (1958) e Ross (1994). A respeito do amálgama evolucionista produzido por Hall, no qual também entraram doses de Hegel, Spencer e Haeckel, ver: Grinder (1969), Ross (1972) Garrison (2006) e McCullers (1969). Esses autores consultados concordam que Hall tentou fundir de uma maneira peculiar a tese lamarckista da transmissão hereditária das características adquiridas (pelo hábito) e a tese darwiniana da seleção natural dos seres mais adaptados.
- ⁵ Há vasta bibliografia a respeito de viagens de estudos e visitas de acadêmicos norte-americanos à Alemanha em fins do século XIX e começos do século XX, especialmente àquelas destinadas ao laboratório de Wundt, considerado pelos historiadores da Psicologia a primeira iniciativa de institucionalização da psicologia experimental. Ver a respeito, por exemplo, Boring (1957), Woodward e Ash (1982) e Herman (1995).
- ⁶ Foi publicado em 2014, pela Revista Brasileira de História da Educação, o artigo “G. Stanley Hall e o child study: Estados Unidos de fins do século XIX e começo do século XX”, da autoria de Warde, que compõe o dossiê sobre “Imagens da infância”

organizado por Warde e Panizzolo. Nesse artigo, o periódico criado por Stanley Hall, *The Periodical Seminary*, é examinado como uma ferramenta de afirmação do *child study* como nova disciplina científica (WARDE, 2014).

- ⁷ G. Stanley Hall esteve à testa de muitas iniciativas não só no campo acadêmico, dentre as quais merecem destaque: criação do *Pedagogical Seminary*, em 1894; criação do *American Journal of Religious Psychology and Education*, em 1904; organização da *série Clark Conference*, em 1909; criação, em 1917, do *Journal of Applied Psychology*;
- ⁸ Nos anos noventa, a Clark University perdeu considerável suporte financeiro, com isso, perdeu bons professores para a Universidade de Chicago, que também se afirmou com cursos de pós-graduação. Dentro da Psicologia, o status de Hall também não corria bem em função de embates que travava por toda a parte; à época seus confrontos com William James acabou dando-lhe uma reputação pessoal negativa. Em 1890, Hall havia perdido sua mulher e uma filha de oito anos em um acidente.
- ⁹ Sabidamente Stanley Hall não foi o único a fazê-lo, basta lembrar os estudos nessa mesma direção que o seu ex-aluno James Baldwin realizou com independência e que marcaram profundamente o programa investigatório de Jean Piaget – cf., por exemplo, Cairns (1992).
- ¹⁰ Sobre as confrontações de Stanley Hall com outros psicologistas como John Dewey e Edward Thorndike, ver Warde (2005).
- ¹¹ Para Ross (1972), em torno do começo do século XX, Hall deslocou seu foco do “*child study movement*”, do primário e do ensino normal, para a educação secundária e a adolescência provavelmente porque via o movimento se distanciar bastante dos rumos que ele pretendia dar, graças inclusive aos seus seguidores. Em 1899, Hall já teria tornado público o seu desacordo com antigos seguidores; na maior convenção de professores que se realizava a época, atacou os excessos de sentimentalismo e a disciplina frouxa que estavam sendo estimulados em nome do “*child study*”. Apesar de seus seguidores associarem “*child study*” com fim da punição, ele sempre foi favorável a manter o castigo em casa e na escola. O pesquisador também havia começado a insistir quanto à feminilização do magistério ser responsável por essa tendência ao sentimentalismo, coisa bastante perigosa na escola, especialmente para os meninos. As suas afirmações provocaram furor por toda parte, e foi atacado como reacionário.
- ¹² Ross (1972) refere-se a Antonio Marro, *La Puberta*, de 1898, que trata a puberdade e seus efeitos posteriores que se estendem até em torno dos 20 anos como um competidor próximo ao empreendimento conceitual de Hall.
- ¹³ Demos e Demos (1969) estudaram a literatura do século XIX, até 1870, em circulação nos Estados Unidos. Com base nesses autores, Ross (1972, p. 333) afirma: “Ao longo do século XIX, apareceu uma vasta literatura de aconselhamento dirigida aos pais e jovens que já continham alguns dos elementos que serão reunidos posteriormente por Hall, incluindo elementos de medicina e higiene que aparecem na sua época”.

¹⁴ Nesta citação a referência é ao trabalho de Musgrove, *Youth and Social Order*, de 1964, no qual dedica um capítulo “*The Invention of the Adolescent*”. A respeito da antecedência de Rousseau, diz Musgrove (1964, p. 33, tradução nossa): “O adolescente foi inventado ao mesmo tempo em que a máquina a vapor. O principal arquiteto deste foi Watt em 1765; daquele, foi Rousseau em 1762. Tendo inventado o adolescente, a sociedade foi confrontada com dois grandes problemas: como e onde acomodá-lo na estrutura social, e como produzir seu comportamento de acordo com as especificações. Durante dois séculos a sociedade inglesa esteve envolvida com o problema da definição e clarificação do conceito de precocidade” (apresentada por Rousseau, MJW). Curiosamente, o autor cita Stanley Hall apenas uma vez, em um capítulo dedicado à “invenção do adolescente”, no qual: “Tendo inventado o adolescente, a sociedade tem sido confrontada com o problema de justificar a sua existência. Isso tem sido tentado de muitos modos: social e economicamente (a necessidade de um tempo de preparação para a idade adulta numa sociedade complexa), biológica e evolutivamente. Realizações, habilidades e atitudes que aparecem geralmente nos jovens antes que a teoria supõe que deveriam, ou, na verdade, poderiam, aparecer, tinham de ser explicadas. Stanley Hall parecia ter encontrado, pelo menos para sua própria satisfação, a justificação final na Natureza, na recapitulação da história da espécie, refinando, assim a visão de Rousseau a quem ele presta os devidos créditos” (MUSGROVE, 1964, p. 56, tradução nossa). Porém, a tese recapitulacionista de Stanley Hall não teria se confirmado na maioria dos adolescentes, especialmente os norte-americanos.

¹⁵ Dão provas: a criação, em 1904, do já mencionado *American Journal of Religious Psychology and Education* e os títulos publicados por Hall, dentre os quais: *The Religious Content of the Child Mind* (1900); *The Jesus of History and of the Passion versus The Jesus of the Resurrection* (1904); *Place of Formal Instruction in Religious and Moral Education in the Home* (1905); *The Physical Basis of the Moral and Religious Life* (1911); e o bastante conhecido *Jesus the Christ in the Light of Psychology* (1917), que ganhou muitas reedições.

¹⁶ Ross (1972) utiliza expressão originalmente adotada por Thorndike.

REFERÊNCIAS

ARNETT, Jeffrey Jensen; CRAVENS, Hamilton. G. Stanley Hall's Adolescence: a centennial reappraisal. *History of Psychology*, Washington, v. 9, n. 3, p. 165-171, aug. 2006.

BAKAN, David. Adolescence in America: from idea to social fact. *Daedalus*, Cambridge, v. 100, n. 4, p. 979-995, 1971.

BORING, Edwin G. *A History of Experimental Psychology*. New York: Appleton-Century-Crofts, 1957.

- BRINGMANN, Wolfgang G.; BRINGMANN, Michael W.; EARLY, Charles E. G. Stanley Hall and the history of psychology. *American Psychologist*, Washington, v. 47, p. 281-289, 1992.
- BURNHAM, William H. The man: G. Stanley Hall. *Psychological Review*, Washington, v. 32, n. 2, p. 89-102, mar. 1925.
- CAIRNS, Robert B. The Making of a Developmental Science: the contributions and intellectual heritage of James Mark Baldwin. *Developmental Psychology*, Washington, v. 28, n. 1, p. 17-24, jan. 1992.
- CRAVENS, Hamilton. The historical context of G. Stanley Hall's Adolescence (1904). *History of Psychology*, Bethesda, v. 9, n. 3, p. 172-185, aug. 2006.
- DEMOS, John; DEMOS, Virginia. Adolescence in Historical Perspective. *Journal of Marriage and Family*, Cambridge, v. 31, n. 4, p. 632-638, nov. 1969.
- GARRISON, Joshua B. *Ontogeny Recapitulates Savagery: the Evolution of G. Stanley Hall's Adolescent*. 2006. 260 p. Thesis (Doctor of Philosophy) – Indiana University, Bloomington, 2006.
- GOODENOUGH, Florence L. Edward Lee Thorndike: 1874-1949. *The American Journal of Psychology*, Champaign, IL, v. 63, n. 2, p. 291-301, apr. 1950.
- GRINDER, Robert E. The concept of Adolescence in the Genetic Psychology of G. Stanley Hall. *Child Development*, Ann Arbor, MI, v. 40, n. 2, p. 355-369, jun. 1969.
- HALL, Granville Stanley. College Instruction in Philosophy. *Nation*, n. 23, p. 180, 1876.
- HALL, Granville Stanley. *Adolescence: its Psychology and its Relations to Physiology, Anthropology, Sociology, Sex, Crime, Religion, and Education*. New York: D. Appleton and Company, 1904. 2. v.
- HALL, Granville Stanley. *Senescence: the Last Half of Life*. New York: D. Appleton and Company, 1922.
- HERMAN, Ellen. *The Romance of American Psychology: political culture in the age of experts*. Berkeley: University of California Press, 1995.
- McCULLERS, John C. G. Stanley Hall's conception of mental development and some implications of its influence on developmental psychology. *American Psychologist*, Washington, v. 24, n. 12, p. 1109-1114, dec. 1969.

- MUSGROVE, Frank. *Youth and the Social Order*. Abingdon, Oxon: Routledge, 1964.
- PFEIFER, Edward Justin. *The Reception of Darwinism in the United States, 1859-1880*. 1957. 213f. Thesis (Doctor of Philosophy in American Civilization) – Brown University, Providence, RI, 1958.
- ROSS, Dorothy. *G. Stanley Hall: the psychologist as prophet*. Chicago: University of Chicago Press, 1972.
- ROSS, Dorothy (Ed.). *Modernist impulses in the human sciences 1870-1930*. London: The Johns Hopkins University Press, 1994.
- THORNDIKE, E. L. Review [Adolescence: Its Psychology and Its Relations to Physiology, Anthropology, Sociology, Sex, Crime, Religion and Education]. *Science* New Series, Vol. 20, N° 500, 1904, p. 142-145.
- THORNDIKE, E. L. G. Stanley Hall, 1846-1924. National Academy of Science, *Biographical Memoirs*, Vol. 12, 1925.
- WARDE, Mirian Jorge. Visiones de la infancia en el “child study” norte-americano. In: COLOQUIO DE HISTORIA DE LA EDUCACIÓN, 13., 2005, San Sebastián. *Comunicaciones...* San Sebastián: Sociedad Española de Historia de la Educación, 2005.
- WARDE, Mirian Jorge. G. Stanley Hall e o child study: Estados Unidos de fins do século XIX e começo do século XX. *Revista Brasileira de História da Educação*, Maringá, PR, v. 14, p. 243-270, 2014.
- WOODWARD, William R.; ASH, Mitchell G. (Ed.). *The problematic science: psychology in Nineteenth-Century Thought*. New York: Praeger, 1982.
- YOUNISS, James. G. Stanley Hall and his time: too much so, yet not enough. *History of Psychology*, Bethesda, v. 9, n. 3, p. 224- 235, aug. 2006.

Adolescents and their bad companies: lunatics, criminals, and sexual perverts [on Stanley Hall's adolescence]

Los adolescentes y sus malas compañías: lunáticos, criminosos y pervertidos sexuales [sobre la obra *Adolescence* de Stanley Hall]

Abstract

In the last two decades of the 19th century, in the United States, attentions are focused on the child, both in relation to the studies on childhood – that resulted in the institutionalization of a new field of research, the “child study” – and the practices of socialization – which included the so-called “kindergarten movement”. At the turn of the century, seminal works about teenagers and teen years begin to be published, both in relation to the subject and to the disciplines that have emerged or consolidated in the academic field, such as: Sociology and Anthropology, in the first case, and Psychology, in the second. This phenomenon is particularly visible in the United States, where associations between adolescence and crime are flagrant, as well as the references to the work of G. Stanley Hall, *Adolescence: Its Psychology and Its Relations to Physiology, Anthropology, Sociology, Sex, Crime, Religion and Education*, first published in 1904, and considered matrix of future research within the social and psychological studies. Even though they contributed to smudge the myth of immaculate child, the Hall's experiments with children haven't reached to align them with the impish; however, the adolescent of Hall came to light accompanied by the “primitive” and “savage”, as well as the criminals, lunatics, and sexually dysfunctional, i.e. the adolescence as psychosocial concept was born referred to lowest groups in evolutionary scale.. Hall explains the entire adolescence on the basis of the theory of recapitulation, both their physiological development and intellectual and social growth.

Keywords: Adolescence. Adolescent. G. Stanley Hall.

Resumen

En las dos últimas décadas del siglo XIX se verifica, en los Estados Unidos, una concentración sobre los niños, tanto en los estudios sobre la infancia – que desembocaron en la institucionalización de un nuevo campo de investigación, el “*child study*” – cuanto en las prácticas de socialización – que incluyeron el llamado “*kindergarten movement*”. Con la virada del siglo comienzan a ser publicados trabajos seminales sobre los adolescentes y la adolescencia, sea estas en relación al tema, sea en relación a las asignaturas, que emergían o caminaban para la consolidación en el campo académico, tales como: la Sociología y la Antropología, en el primer caso, y la Psicología, en el segundo. Ese fenómeno es especialmente visible en los Estados Unidos, donde son evidentes las asociaciones entre la adolescencia y la criminalidad, así como lo son las referencias a la obra de G. Stanley Hall, *Adolescence: Its Psychology and Its Relations to Physiology, Anthropology, Sociology, Sex, Crime, Religion and Education*, publicada por la primera vez en 1904, y considerada la matriz de las futuras investigaciones en el ámbito de los estudios sociales y psicológicos. En ese sentido, aunque haya contribuido para borrar el mito de la niñez inmaculada, los experimentos con niños de Hall, no llegaron a perfilarlos como seres endiablados; ya el adolescente de Hall, no vino acompañado solamente de adjetivos como “primitivos” y “salvajes”, sino también de criminosos, locos y sexualmente desajustados; o sea, la adolescencia como concepto psicosocial nació refiriéndose a los grupos más bajos en la escala evolutiva. Hall explica toda la adolescencia con base en la teoría de la recapitulación, tanto en su desarrollo fisiológico, como en su crecimiento intelectual y social.

Palabras claves: Adolescencia. Adolescente. G. Stanley Hall.

Mirian Jorge Warde

E-mail: mjwarde@uol.com.br

Claudia Panizzolo

E-mail: claudiapanizzolo@uol.com.br

Recebido em: 20/06/2014

Aprovado em: 26/02/2015